4 Poemas

DE

BRASIL PINHEIRO MACHADO

COM ALGUMAS PALAVRAS DE

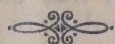
Augusto Frederico Schmidt

EDITADO NAS OFFICINAS GRAPHICAS DO «DIARIO DOS CAMPOS»
PONTA GROSSA — PARANÁ
1928

A Murillo de Araujo
com admiração
Brasil Pinheiro Machado

R. Mal Deodoro, 21
Ponta-grossa Paraná

BRASIL PINHEIRO MACHADO

POETA BRASILEIRO, DE PONTA GROSSA

PONTA GROSSA é o typo da cidade violenta Se lembram do celebre tufão ? Outros tufões antes houve tambem. E chuva de pedra.O vento é um caso serio, em Ponta Grossa, lambe furiosamente as ruas de noite, derruba coisas nas casas, levanta nuvens de poeira vermelha. Ponta Grossa progride. Avança, encostada nas colinas, estende se, alarga se

Primeira impressão do sugeito que chega é que o Brasil Pinheiro Machado tem razão : é uma cidade do interior, russa. O autor destas linhas que não são de prefacio, nunca esteve na Russia. Mas imaginou assim pelo que leu em Gogol, Dostowesky e outros, e pelo que viu no cinema que a Russia rural é exactamente assim.

Casas de madeira bonitinhas mesmo se espalham, quando o trem chega, nos campos verdes. Cada vez que se chega as casas se multiplicaram. Mas não é só casas de madeiras não, edificios grandalhões e altos de sujeitos que enriqueceram no lugar e perderam o geito de sahir delle, erguem se imponentes, até de cimento armado, zombando do vento brabo e pirata que penetra por tudo.

De manhãsinha enormes carros puxados por quatro e seis cavallos normandos passam na rua com gente loura, de olhos azues, polacos, allemães, russos, sei lá, que vêm do matto trazendo legumes frescos. O frio é agudo. Então o sujeito que sente a maravilha da differença fica banzando pasmo : meu Deus, no Brasil ha de tudo ! E ha mesmo. Quem pode pegar

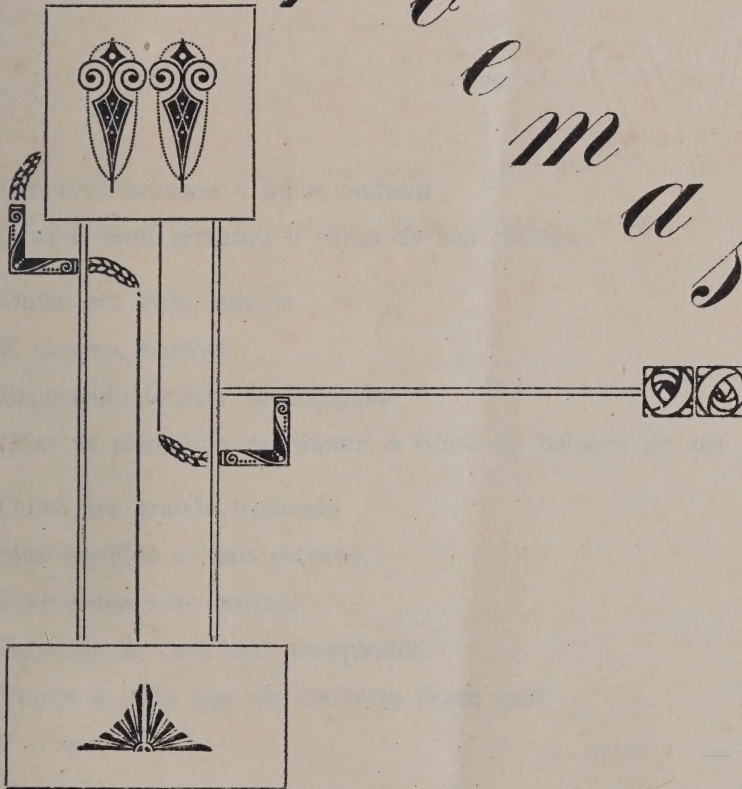
e dizer : olhem, esta é que é a phisionomia da cidade brasileira. Assim. Colonial. Rococò. Jesuitico. Nada. O Brasil é a indifinição. Foi isso que Brasil Pinheiro viu e registou pasmado, pensando que tinha feito alguma descoberta. Mas o bôbo não sabia era que tinha comettido poesia verdadeira, despretenciosa, poetica. E tudo isso porque não buscou nem rebuscou brasilidades expressionaes, não procurando dar marcas thematicas que retiram sem delicadesa, ingenuidade, espontaneidade, vigor, viço, simpleza, belleza á poesia.

Brasil Pinheiro Machado, filho de Ponta Grossa, é e não é um producto do seu ambiente. Nada de violento, sem tufões, nem vento, o dito Brasil, mas, um pouco russo, sentimental, mulato, ausente dentro do seu sentimento tão brasileiro. Quem puder que me perceba.

E' da ultima camada, pertence á geração que bebeu, mamou, foi criado pelos sensatos e equilibrados brasileiros que fizeram a «Klaxon», a Semana de Arte Moderna, a Esthetica Terra Roxa. E' um irmão pontagrossense da tão interessante, sympathica, promettedora gente que escreve a «Verde» de Cataguazes. Alem disso um menino de cultura. E graças ao bom Deus— nada de festeiro.Pois não acredita na «mystica sem Deus». Na «ascenção em profundidade»,etc., do Grupo de «Festa», que tem sua gente bôa mesmo, mas quasi nada, ou nada significa na nossa realidade, que não é uma realidade esthetica como elles ainda pensam, mas uma realidade artistica e politica. Fallo na revista Festa, porque embora editada no Rio é uma revista paranaense, terra a que pertence o autor destes poemas; e quero deixar patente o nenhum contacto entre elle e o grupo dos seus idealisticos conterraneos.

Acho que não preciso apresentar mais este menino que não é menino prodigio, nem menino precoce, mas uma das sensibilidades maiores que conheço na minha terra — poeta verdadeiro — sincero e alto. E que em breve — hão de ver todos — vae mostrar do que é capaz com um livro que está preparando.

Augusto Frederico Schmidt.

Os 4 poemas

I

Um teve saudade e foi se embora
(Mas a terra guardou o ritmo de sua cantiga).

Outro era forte valente
E morreu escravo
Sapecando farinha no monjolo
(Mas as palmeiras guardaram o ritmo do balanço de sua rede) :

Outro era grande troncudo
Mas humilde e mais escravo.
Esse ainda não morreu.
Agoniza na caza mal assombrada
Vendo a cuca que ele conhecia desce gurì
E o sacì
E o lobizóme
E o rebenque
Que outros lhe mostraram
De noite
Na fazenda...

II

As coxilhas se sumiam verdes na velha fazenda bem grande e deserta.
Velha sò porque fazia tempo que as rezes pastavam quasi em plena liberdade,
Mas tudo era verde como na primavera.
Um dia
Homens vindos do norte procurando felicidade soltaram duas pombinhas brancas (que Deus nos guie !)
As pombinhas foram avoando avoando
Fizeram uma porção de voltas no ar
E foram quietinhas sentar no alto da canhada grande na embuia queimada erguida no meio da tiguéra.
«ESTA' ALI O LUGAR QUE DEUS INDICOU ! »
E fizeram a igrejinha.

Depois as pedras grandes foram quebradas
Pra casinhas bem pequenas de portas bem largas e janelas quadradas.

*
* *

Que homens valentes passaram por lá !
Sempre procurando a felicidade...
E no entanto

Aqueles pinheiros espalhados pelas coxilhas
Eram até bem tristes nas tardes de céu vermelho cómo sangue.

As tropas cançadas que vinham troteando cheinhas de pó das bandas bem do sul
Os tropeiros valentes que aguentavam o passo das mulas por leguas e leguas
Tudo ia se arrumando para um descanço
Porque lá no alto da canhada grande
Estava a villa do descanço
Onde no largo da matriz
As moças mais bonitas se enfeitavam pra receber o anel dos cavaleiros
Que na velocidade tonta dos matungos
Era arrebatado pela lança enfeitada no entuziasmo da cavalhada.

* * *

Os campos eram longos e tristes como as estepes da Russia.

Começaram a chegar homens bem brancos de pele bem alva e cabelo da cor das macegas no verão.
Até que eram bem tristes aqueles homens de bigodão ruivo e olhos azues !
E a vila crescendo no alto da canhada vinha descendo devagarinho...
E no mez de junho a geada caindo amanhecia os telhados alvos e as casas de pinho bem alvas.
No entanto o sol pisca-piscava no céu sem derreter o friozinho gostozo da geada
E os carroções de toldas brancas puxadas por oito cavalos batendo guizos
E boleadas por russos bigodudos vestidos ainda de pelego
Entravam na cidade coberta de geada e alumiada de sol.

* * *

O brasileiro nortista que chegava
Dizia que aquillo não era Brasil
Que aquillo era uma aldeia russa.

Que o verdadeiro Brasil estava lá no Amazonas
Lá no nordeste
Lá no sertão ensolado de Canudos
Onde os homens eram de bronze
O ano todo era verão
E as cazas todas tinham só linhas curvas.
Que não podia ser Brasil onde houvesse geada até o meio-dia
Onde em vez do caboclo meio bronze mulato
Andassem polacos fazendo berganhas de porco e plantando mandioca
Onde os bandoleiros em vez de uzarem a roupa de couro dos cangaceiros
E cantarem modinhas tristes de negros e indios
Uzassem bombachas largas e boleadeiras e cantassem (meu Deus!) em castelhano.
Só que o brazileiro do norte que chorava a desbrazilidade do sul
Não notou que quando parava o seu fordinho na estrada esburacada
E apeava pra pedir agua ou comprar fruta na chacrinha em frente.
O polaquinho
O russinho
O allemãosinho
O italianinho
Nascido ali
Traduzia o pedido do viajante pro pae e do pae pro viajante
Numa lingua igualzinha a dos caboclos de cor de bronze amulatado
Sem regra de gramatica portugueza, graças a Deus!

III

Trens vinham de Santos
de Sorocaba
de Campinas
do Rio de Janeiro etc.
Em todos eles o chefe de trem passou gritando : S. PAULO !
Mas cada passageiro
mulato
italiano
turco
espanhol
alemão
portuguez
negro
hungaro
russo
disse consigo mesmo — NOVA-YORK !
Arranha-céus
Garôa
Mas graças a Deus nunca faltava um sol bem grande e um dezembro comprido.

*
* *

Primeiro negro moço veio triste
Plantar café lá na fazenda do sinhô.
Muito rebenque mais trabalho muito sol...
Negro velho coa cabeça toda branca
Ficou olhando o barranco do caminho
(Pitando seu fuminho bem cheirozo)
O barranco bem vermelho do caminho
Na paizagem bem paulista.
E quanto café plantado nestas terras
Nestas terras bem paulistas !

O homem preto poz a alma quente no grão vermelho do café
E o café foi fazendo a vingança do preto
Na opulencia que ia erguendo
Nas cidades que ia matando
Na mizeria...
(Vontade de conspirações comunistas tramadas no escuro das fabricas)
Falencia
Fulano enriqueceu em dois dias
«PAULICE'A DESVAIRADA»
. . .porem na sombra de tanto arranha-céu e no vento de tanto automovel correndo
Vive ainda muita gente morena de pele abronzeada
Que sente a asfixia do mundo que marcha que marcha (credo !) com tanta velocidade.

Italo—luzo—ispano – teuto — africo — guianaz gritando que São Paulo é a terra que progride mais no mundo
E perguntam o que seria do Brasil sem S. Paulo.
Estatisticas fantasticas

Num ano seis mil cearenses

Tão brazileiros como os italo-guaianezes

Vieram fugindo das seccas

Buscar o Brazil em S. Paulo

E pedindo com a tristeza de seu destino

Que vão ver o Brazil do nordeste.

Necessidade de achar o Brazil.

O Brazil está no Amazonas
No nordeste
No sertão
Em S. Paulo
No sul

E o paulista que viu o cearense chegar

E o nortista que veio procurando felicidade

E o sul

E todos os brazileiros moços

Procuram o Brazil

No caboclo amarelo

No imigrante

No arranha-céu

No vaqueiro

Na viola

No mulato

No gaucho
Etc.

Mas porém o Brazil está ali mesmo

Só que cresceu muito muito mesmo...

Não é mais os cazarõescoloniaes com senzalas no terreiro

Nem guerras com indios valentes e romanticos...

O Brasil cresceu tanto

Que a baiana que vendia bolinho de tapioca, dôce de coco, arroz doce

Foi se embora porque o italiano não comprava os seus docinhos...

IV

Meu Deus que sol quente ! Que calorão !
E o Pão de Assucar !
E o Corcovado !
O mar verde como se atira brincalhão na areia cheinha de banhistas !
E toda a gente pára um pouco pra ver as pernas daquela moreninha que não tem medo das ondas.
Daquela morena que é quazi mulata e dansa orgulhosa nos bailes estrondozos do Jockey Club e do Fluminense
Que toma banho na praia ezibindo a linha gostoza do corpo sensual como uma fruta do mato tropical bem madura que está pedindo que vão colher

E o provincianinho que vem de longe
Com os bolsos cheios das boladas que juntou por dez annos de trabalho duro no sol de Minas, do nordeste nas geadas do sul
O provincianinho pára meio bobo meio com vergonha das calças mal feitas
Olhando a moreninha que brinca despreocupada no meio de tanto estrangeiro sem vergonha
De portuguezes de pés pezados que vieram com saudades
E que olham a moreninha com olhar de onça nas noites de lua

Ele bem ambiciona aquelas curvas de jaboticaba
Porem tanto estrangeiro na frente !
Ele se detem na humildade de suas roupas mal feitas
De suas mãos queimadas num sol que não bate em praias de banho
E de seus gestos duros como peroba
Que parecem que dão na vista.
Tristeza de ser um provinciano
De ter ter nascido lá nas montanhas de Minas nos descampados da Piauí
nos pinhaes do Paraná...
De ter passado a mocidade nos bailinhos de charanga
Recitando Olavo Bilac pras moças nos salõezinhos de janellas quadradas
cheirando bogaris.
E batendo palma pra Zizinha que tocava valsas no piano quando a noite
era enluarada e silencioza.

Ansias de mais sertão! Raiva de estrangeiros !
Mas porem ele não via que os estrangeiros que enriqueceram comendo ba-
nana com farinha
Amontoám tanto cobre pra entregar pra um genro brazileiro...
E na humildade de seus gestos acanhados
O provincianinho orgulhozo foi entregar a bolada de tantos anos
Pras francezas sem coração.